



Dualismos Antropológicos-Perigos para nossa fé

Anthropological dualisms- Dangers to our faith

Ricardo Adriano de Bittencourt

Resumo

O presente artigo procura trazer uma breve reflexão sobre os perigos dos dualismos antropológicos para a nossa fé e para a Igreja. Sem a pretensão de ser algo exaustivo, ele percorre um pouco da origem do dualismo, desde o Mazdeísmo Iraniano, passando por Platão, pelo Gnosticismo, Maniqueísmo, o debate do natural-sobrenatural na Idade Média, até a Idade Moderna com Rene Descartes, com o seu famoso “*cogito ergo sum*”. Ele também procura descrever como este dualismo penetrou na fé eclesial a partir do contato com o mundo grego, e seus impactos sentidos ainda hoje na presente data, trazendo à luz um pouco do que a Igreja tem feito no sentido de superá-lo. Por fim, a partir de um artigo da Lúcia Pedrosa de Pádua, procura-se levantar algumas interpretações sobre a preocupação do Papa Francisco em seu pontificado e, a partir da espiritualidade proposta por ele à Igreja, deixa dicas de perigos sobre o dualismo antropológico para nossa fé nos dias atuais.

Palavras-chaves: Dualismo, Papa Francisco, Antropologia Teológica.

Abstract

This article seeks to bring a brief reflection on the dangers of dualism for our faith and for the Church. Without claiming to be exhaustive, it covers some of the origin of dualism, from its beginnings in Iranian Mazdeism, through Plato, through Gnosticism, Manichaeism, the natural-supernatural debate in the Middle Ages, to the Modern Age with Rene Descartes, with his famous “*cogito ergo sum*”. It also seeks to describe how this dualism penetrated the ecclesial faith from the contact with the Greek world, and its impacts still felt today, bringing to light a little of what the Church has

done in order to overcome it. Finally, based on an article by Lúcia Pedrosa de Pádua, an attempt is made to raise some interpretations about the concern of Pope Francis in his pontificate and, based on the spirituality proposed by him to the Church, he leaves hints of the dangers of dualism for our faith in the present day.

Keywords: Dualism, Pope Francis, Theological Anthropology

1. O Passado do Dualismo

Mesmo a origem do dualismo sendo de localização histórica muito complexa e diversa, tentamos neste momento trazer uma dessas origens e a partir dela ver como ela influenciou o mundo grego e posteriormente ao cristianismo.

O Dualismo é uma teoria que procura explicar a realidade a partir de dois princípios que, em maior e menor grau, são opostos. Sua origem está nos primórdios do ser humano, e surge não tanto de questões ontológicas (a origem do mundo), mas de questões éticas (a origem do mal). Por isso, o dualismo, na sua origem, é mais uma questão ética do que ontológica, isso por dois motivos: em primeiro lugar o mal é muito “distinto do bem”, não sendo possível colocá-lo sob uma realidade única, junto com o bem; em segundo lugar o mal é tão diverso, tão diferente em quantidade e qualidade, que ele deveria ter uma origem em algum “princípio supremo” similar ao que gerou o bem. A partir deste momento, o dualismo passa para o nível ontológico e, em seguida, como consequência natural, para o nível cosmológico, antropológico e soteriológico.¹

Por ter sua origem no nível ético, o dualismo esteve, a princípio, associado às crenças e religiões, dentre elas, as religiões orientais, as religiões naturalistas, porém a de maior destaque é o “mazdeísmo iraniano”² que trouxe um dualismo metafísico, com a existência de dois princípios coeternos, autônomos e oposto. Tudo indica que foi este dualismo iraniano que influenciou a origem do pensamento dualista grego. Para Platão, por exemplo, o mundo está dividido entre o perceptivo e o pensamento, onde o primeiro é sensível, mutável, efêmero, múltiplo e o segundo é insensível, imutável, eterno e uno. Esta seria a Teoria dos Dois Mundos. O primeiro é o “mundo das coisas”, uma *mimesis*, uma imitação do chamado “mundo real”, que é mundo das ideias. A partir deste pensamento básico, Platão também propôs um dualismo cósmico, no qual o demiurgo de Timeo extrai o cosmo do caos, e um dualismo antropológico, no qual, em sua obra “Fédon”,³ o corpo seria o cárcere da alma.⁴ Estes dualismos Platônicos também atingiram

¹ RUIZ DE LA PEÑA, J. L., Dualismo, p. 231.

² RUIZ DE LA PEÑA, J. L., Dualismo, p. 231.

³ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 98.

⁴ RUIZ DE LA PEÑA, J. L., Dualismo, p. 232.

a questão do conhecimento: de um lado tínhamos a “*doxa*”, isto é, a opinião, aquilo que girava em torno das coisas sensíveis, que discursava a partir do mundo das coisas e de outro lado tínhamos a “*episteme*”, que se baseava na matemática, que atingiria o conhecimento verdadeiro, o mundo das ideias.⁵ A questão do conhecimento (*doxa/episteme*), segundo Platão, explicaria de certa forma, o declínio do áureo período das cidades gregas como Atenas. Segundo ele, Atenas decaía por conta de estar nas mãos dos sofistas, que se baseavam nas opiniões (*doxa*) para conduzir a cidade e essas não eram conduzidas por quem deveria, os filósofos, que se utilizavam da *episteme*, do “método” correto para atingir a verdade.⁶ Dessa forma, o dualismo explicava até o fracasso da *polis*.

É a partir da Teoria dos dois Mundos de Platão, que se inicia, de certa forma, a influência negativa do dualismo neoplatônico sob a fé cristã, com a separação, por exemplo, entre: sensível e insensível, efêmero e eterno, corpo e alma, mundo e Igreja etc. Toda estrutura mental trazida pelo dualismo neoplatônico se baseia na “oposição-exclusão”.⁷ A grande questão do dualismo para nossa fé está basicamente em dois pontos: por um lado a pessoa humana conviveria de forma conflitiva, dicotômica com duas realidades opostas em si (corpo e alma),⁸ e por outro, na concepção da fé bíblica, originariamente judaica, a pessoa humana é vista de forma integrada.⁹ Logo, como compatibilizar estes dois princípios opostos e todos os demais pensamentos opostos surgidos a partir do platonismo dentro de uma visão antropológica de ser humano integral, unitária, não dicotômica? Este foi o grande desafio que Igreja enfrentou e continua a enfrentar.

2. Alguns aspectos do Dualismo na vida eclesial

Neste momento apresentaremos, de forma quase cronológica, cinco momentos históricos do dualismo, que de certa forma marcaram a fé eclesial. Iniciaremos com o primeiro contato do cristianismo com o mundo grego, passando pelo gnosticismo, maniqueísmo, o pensamento de Descartes, até a questão do Natural-Sobrenatural trazida pelos seguidores da escolástica na Idade Média.

2.1. O primeiro contato¹⁰

⁵ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 99.

⁶ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 99.

⁷ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 101.

⁸ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 100.

⁹ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 329.

¹⁰ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 239-247.

O primeiro contato da fé cristã com o mundo greco-romano ocorreu pela própria necessidade de expansão da fé, pela força que a fé cristã tinha em si, de atingir a todos. Como um “vento impetuoso”, (At. 2,2) o cristianismo tendia a se espalhar, e neste seu caminho corria, sim, os riscos naturais do encontro com outras culturas, vivendo o chamado “dinamismo do desprendimento-encarnação-serviço”. Pe. Alfonso Garcia Rubio traz uma classificação de níveis hermenêuticos em que ocorreram, ou poderiam ter ocorrido, essa “encarnação” da fé no mundo greco-romano. Segundo ele, temos três níveis: nível da linguagem falada e escrita, nível instrumental lógico-interpretativo e nível das estruturas intencionais fundamentais. Os dois primeiros níveis não apresentavam graves problemas para a “inculturação” da fé. A utilização da língua grega e até mesmo da lógica interpretativa grega para exprimir a fé cristã, não acarretaria tantos perigos em deformar esta fé. O problema estava no 3º nível, nas estruturas intencionais fundamentais desta cultura. A concepção de ser, por exemplo, era algo totalmente incompatível com a fé judaico-cristã. O verdadeiro “ser” para os gregos era permanente, eterno, imutável, divino, o que impossibilita qualquer compreensão de um mundo criado por Deus, de um Deus Criador-Salvador, que fazia parte do cerne da fé bíblica judaico-cristã. Além disso, o “ser” na concepção cristã, poderia ser criatura, não tendo nada de divino, sendo essa a grande diferença do “ser” criatura e o “ser” por excelência, o ser-absoluto e criador, Deus. O pensamento judaico-cristão impossibilitaria qualquer ideia de o ser humano ou qualquer coisa existente no mundo ser uma emanção do *arché* grego, como “partícula do divino”.

2.2. O Gnosticismo no começo do cristianismo¹¹

Um dos maiores perigos para fé cristã, ainda hoje, é o chamado gnosticismo. Na verdade, não se sabe precisar a doutrina sobre o gnosticismo devido ao seu sincretismo ao longo dos séculos, mas de uma coisa se tem certeza: ela também foi marcada pelo dualismo. Ela traz, em sua base conceitual, a ideia de que a matéria é má, e que alma (pré-existente) vive numa situação “decaída” de aprisionamento no corpo humano, e para se libertar dessa situação se faz necessário a *gnose*, o conhecimento especializado da verdadeira origem da alma. A *gnose* traz à fé cristã, a princípio, dois grandes problemas: em primeiro lugar a ideia da necessidade de um conhecimento salvífico, que somente alguns são capazes de adquirir. Desta forma, além de a salvação estar destinada a alguns, ela seria fruto do esforço humano e não obra da Graça de Deus; em segundo lugar, o reforço da condição má do corpo, afinal o corpo é matéria e, neste caso, como se poderia explicar a ideia da Encarnação do Verbo? A *gnose* explica a criação a partir das emanções de *éons* e, desta forma, toda a criação (inclusive o ser humano) teria em si um pouco da divindade da “origem”, o que se opõe à concepção mais original de diferenciação entre Deus e todo o restante: criador e criaturas. A *gnose*

¹¹ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 250-251.

marcou decididamente os dois primeiros séculos do cristianismo, dando origem ao chamado docetismo, que afirmava que a condição humana de Jesus era apenas aparente (*docse*), Jesus não era verdadeiramente humano. Imaginemos quantos males para a fé original essa afirmação não teria trazido... Sto. Irineu, no séc. II, foi o grande nome no combate a essa visão dualista sobre Jesus.

2.3. Maniqueísmo e Sto. Agostinho

O que vai determinar os perigos dualistas contra a fé cristã é a forma e a intensidade com que o cristianismo adere ou não ao terceiro nível de hermenêutica, o “nível das estruturas intencionais fundamentais”, e que, em muitos casos, foram deixadas brechas que possibilitaram o surgimento de outros dualismos. Podemos dizer que Orígenes, de certa forma, deixou estas “brechas”, pois, mesmo sendo decididamente antignostico, “quando procura uma explicação mais racional para a ação criadora de Deus, acaba aceitando elementos neoplatônicos e até da mesma gnose, incompatíveis com o conteúdo básico da fé cristã”.¹² A questão foi na forma de ele entender a transcendência do divino, que gera um “distanciamento crescente entre criação e salvação”.¹³ À mediada que a presença da mediação de Cristo nas reflexões sobre a criação foi diminuindo, automaticamente, vai diminuindo também o caráter salvífico da criação, deixando “brechas” maiores para a entrada do dualismo. No Ocidente, esta separação foi maior do que no Oriente e, no séc. IV, Sto. Agostinho fará um grande esforço para corrigi-las.

Entre estes dualismos que entraram pelas “brechas” do distanciamento criação-salvação está o maniqueísmo. Mesmo sendo de difícil definição de quais sejam os seus “dois princípios”, na explicação da realidade atual existem dois princípios supremos antagônicos: ser-bem e ser-mal.¹⁴ Esta corrente dualista é totalmente avessa ao princípio da fé bíblico-cristã da criação. Se acreditarmos em dois princípios da realidade, onde ficaria o Deus único? Sto. Agostinho se utilizará do esquema platônico de pensamento, em especial, da doutrina do “exemplarismo”, para compreensão racional da criação, de tal forma a combater o dualismo de Maniqueu.¹⁵ Desta forma, para Sto. Agostinho, toda criação guarda em si uma marca de Deus, não por emanção, mas como uma presença causal de Deus, pelo exemplo de Deus e, assim, toda a criação seria boa. Esta “criação boa”, em Sto. Agostinho, deve ser entendida a partir da fé bíblico-cristã, não como uma eliminação do mal, mas como uma inclusão da imperfeição própria da criação.¹⁶

¹² GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*, p. 253.

¹³ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*, p. 254.

¹⁴ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*, p. 607.

¹⁵ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*, p. 257-258.

¹⁶ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*, p. 256.

2.4. A divisão entre *res-extensa* e *res-cogitans* em Descartes

Entre o final do séc. XVI e meados do XVII, viveu René Descartes, no meio das grandes transformações da Modernidade e com sua filosofia, de certa forma, torna-se o fundador do racionalismo. Sua base filosófica parte da dúvida. Ele duvida de tudo aquilo que se apresenta à sua percepção sensível, a tudo questiona, chega a duvidar da matemática, na qual $2 + 2$ poderia não ser 4, pois isso, poderia ser obra de um gênio maligno que o enganava... Diante das dúvidas percebe que algo é indubitável: o seu pensar. A partir deste quadro, conclui sua grande frase e princípio: “Penso, logo existo.” (“*cogito ergo sum*”).¹⁷ É no ato de se conhecer que o ser humano se autopercebe. Deste momento em diante, estão abertas as portas para mais um dualismo, ou melhor, para a volta do antigo dualismo platônico com nova roupagem, e que a nossa fé terá que enfrentar: a separação do corpo (*res-extensa*), a substância estendida e a alma (*res-cogitans*), substância pensante. O ser humano se entende agora como um ser pensante. Estamos diante de uma nova forma de entender o mundo e o Homem. Passamos de uma visão da realidade cosmocêntrica para antropocêntrica.¹⁸ A pessoa humana agora é a medida de tudo.

Com esta nova relação entre o pensar e o corpo, inicia-se uma nova relação com a natureza. Alfonso Garcia Rubio, seguindo o pensamento de H. Urs von Balthasar¹⁹ assume que uma nova relação com a natureza também afeta a relação da pessoa humana com o divino. Eles partem da “lei dos três estados” desenvolvidas por A. Comte, que basicamente diz: existiram, ao logo da história, três momentos, nos quais a relação Deus-Homem-Natureza se desenvolveu. Uma primeira etapa é a “religiosa-mágica” na qual a natureza era vista como sagrada e nas forças naturais, o ser humano vê a presença do poder divino. Falamos aqui da humanidade primitiva. Temos uma relação mágica com o divino e com a natureza e o ser humano fica num estado de quase sem liberdade; uma segunda etapa é a “filosófica” na qual se substitui a relação mágica do ser humano diante da natureza, pela relação contemplativa, pois na natureza há leis sábias e imutáveis e esta ordem da natureza, seu equilíbrio, poderá servir de “modelo” para o ser humano em sua vida. A relação de fascínio com a natureza diminui muito, mas não desaparece por completo; por fim temos a etapa “científico-técnica”, que é quando a natureza já perdeu seu sentido de sagrado, ela é apenas um objeto (*res-extensa*) diante do saber humano (*res-cogitans*) e, a partir daí, pode ser investigada cientificamente, é algo exterior ao humano, ele se vê como fora dela... agora não é mais a natureza o centro de tudo, mas a pessoa humana, houve uma inversão na relação. Parece meio óbvio se entender o que vivemos hoje, por exemplo, com os problemas climáticos. Fica claro também a questão do dualismo moderno em uma das suas dimensões: “Homem x Natureza”.

¹⁷ GRISSAULT, K., 50 autores-chave de filosofia, p.103.

¹⁸ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 32.

¹⁹ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 32.

Tudo nesta antropologia gerada pela modernidade, gira em torno da subjetividade, da forma como ela é vivida: fechada ou aberta, centrada em si mesma ou aberta às relações com Deus, com o próximo, com o mundo e consigo mesmo.²⁰

2.5. A presença do Natural e Sobrenatural no séc. XVI²¹

No séc. XVI, surge uma nova modalidade de dualismo, sempre a partir das ideias platônicas: a oposição entre Natural e Sobrenatural. Com o intuito de defender a gratuidade da Graça de Deus na vida humana, alguns seguidores da escolástica criaram o conceito de “Natureza Pura” ou “Doutrina dos Dois Planos”, em oposição a Miguel Baio (1513-1589). Segundo este conceito, o ser humano possuía uma natureza pura, criada por Deus e essa, por si só, permitiria a ele um fim último, uma felicidade natural, sem o convite para uma visão de Deus, convite esse sobrenatural. Nesta visão antropológica, a graça de Deus viria ao ser humano como acréscimo, como algo extrínseco, sob a sua natureza neutra. De acordo com esta compreensão, por exemplo, o pecado original teria afetado apenas o dom sobrenatural do ser humano, a graça dada por Deus, e não a sua natureza pura. Durante algum tempo, achou-se que Tomás de Aquino teria sido responsável por esta “Doutrina dos Dois Planos”, mas a partir de uma profunda pesquisa desenvolvida por Henry de Lubac, comprovou-se que não. Na verdade Tomás de Aquino, segundo esta pesquisa, defendia a existência na natureza humana da presença de um desejo de visão de Deus, inserido por Deus, constitutivo ao ser humano, e que este desejo não teria desaparecido mesmo com o Pecado Original. Segundo J. Alfaro a presença deste conceito da “Doutrina do Dois Planos” só geraria no ser humano uma profunda desarmonia, um dualismo que só inseriria no ser humano duas finalidades últimas e paralelas: uma natural, e outra sobrenatural, gerando, no existir humano, uma situação de oposição-exclusão. Para evitar este dualismo só uma visão de “integração-inclusão”, que corrigiria dois perigos: a separação radical natural-sobrenatural e criação-salvação. Deve-se ressaltar que muitos estudos posteriores ajudaram a teoria de Henry de Lubac a ser reconhecida no mundo católico, e entre eles Karl Rahner, com seu “Existencial Sobrenatural”, que afirma que no ser humano, apesar de sua condição criatural, nele já existe, antes das suas decisões livres, uma orientação para o divino. Tudo isso só embeleza, engrandece o ser humano sem, em hipótese alguma, diminuir a origem de tudo: Deus. É Ele que dá esta possibilidade ao ser humano.

3. O Papa Francisco e o Dualismo presente na Igreja

²⁰ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 309-311.

²¹ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 272-274

Depois de percorrer alguns pontos que exemplificam a presença do dualismo na fé cristã, vamos agora refletir como esse dualismo ainda está presente na vida eclesial atual. O Papa Francisco não fala diretamente sobre o assunto do dualismo, mas, em suas declarações e documentos, deixa algumas dicas sobre a questão e isso passa muito pela espiritualidade que o santo padre propõe à Igreja, pela sua visão antropológica de ser humano. Para isso, tomaremos por base dois trabalhos de Lúcia Pedrosa de Pádua²² que, de forma concisa e simples, apresentou o tema da espiritualidade de Francisco a partir, principalmente, da visão da *Evangelii Gaudium*.

Já se tornou famosa a expressão do Papa Francisco: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”.²³ Existe na espiritualidade do santo padre um desejo de findar esta distância, que chega quase a um dualismo: “Igreja x Mundo”, como se o mundo fosse um local da impossibilidade de salvação, quando, na verdade, “as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo, os pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos discípulos de Cristo”.²⁴ Sem esta articulação e diálogo entre Igreja-Mundo, dificilmente, a Igreja cumprirá sua missão. Para vencer este dualismo o Papa traz mais um desejo: o combate ao clericalismo. Para isto, se faz necessário o surgimento no interior da Igreja de “sujeitos livres e conscientes”,²⁵ e isso só será possível quando clérigos, leigos e leigas se deixarem levar pela ousadia e ardor do Espírito, superando, assim, o desejo de poder, de status, vivendo desta forma verdadeiramente uma Igreja fraterna e sinodal.

Outro perigo dualista que ronda nossa fé é a relação “Puxo x Impuro”. O santo padre nos pede para estarmos atentos a um pequeno detalhe: “o tempo é superior ao espaço”.²⁶ Vivemos numa tensão constante entre: o desejo do ilimitado e o nosso limite humano. A busca de sermos “perfeitos” é um processo.²⁷ Lembrando da parábola do “Joio e do Trigo” (Mt. 13, 24-30), veremos que a separação do bem e do mal em nós, só será feita por Deus no final dos tempos. Nesta vida, viveremos continuamente nesta tensão, porque somos humanos e, muitas vezes, há um clima de exigência de perfeição em nossos discursos religiosos, nos quais, na verdade, deveriam não exigir, mas exortar para que “não cessemos de melhorar, vivamos o desejo profundo de progredir no

²² PEDROSA-PÁDUA, L., O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*, p.135-145 e Linhas-forças da espiritualidade do Papa Francisco, p. 34-66.

²³ EG 49.

²⁴ GS 1.

²⁵ PEDROSA-PÁDUA, L., Linhas-força da espiritualidade do Papa Francisco, p. 46.

²⁶ EG 222.

²⁷ EG 151.

caminho do Evangelho”.²⁸ Com isso, se percebe que o Papa deseja mais uma perseverança no caminhar do que uma já perfeição da chegada.

No capítulo 4 da EG, o Papa tratará de um assunto que muito o preocupa: a dimensão social da evangelização. Diz ele, repetindo as palavras da Doutrina Social da Igreja, que “Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens”.²⁹ O ser humano não é só alma, mas corpo também, ele é pessoa, deve ser visto como um todo, como diz a nossa fé eclesial. Provavelmente, uma das questões que mais preocupa o santo Papa é este dualismo difuso que existe em nossa fé entre “Céu x Terra”. Nossos assuntos “do céu” parecem, muitas vezes, não se relacionarem com os da terra, como se fossem assunto separáveis e isso, segundo o Papa, leva ao “risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora”.³⁰ Este perigo atinge o cerne da missão da Igreja: anunciar o Reino de Deus. Este dualismo pode levar-nos a esquecer que nosso Deus, ao se encarnar, é divino e humano, portanto, há um elo inseparável entre estas duas realidades. Em Cristo, o céu e a terra estão eternamente inseparáveis. Neste processo de enfrentamento deste dualismo, é bom lembrar as palavras do Papa citando Ex. 3,7-8.10, em que nosso Deus ouviu o clamor de seu povo, desceu do céu e nos enviou para esta missão,³¹ logo deve haver articulação fecunda entre a plenitude do céu e as limitações experimentadas na terra, iluminadas pela esperança do céu.

Ainda na linha do dualismo “Céu X Terra”, podemos pensar no “Corpo x Espírito”. Lúcia Pedrosa nos alerta para o perigo das espiritualidades desintegradas e, com isso, “a vida espiritual foi identificada com algo imaterial e não corpóreo. A oração foi reduzida a um relacionamento afetivo com Deus. A santidade foi associada a fenômenos místico extraordinários, reservados a pessoas igualmente extraordinárias”.³² Diante deste quadro, uma das formas de combater este dualismo, seria trazer à tona (nos cursos e formações, por exemplo) o conceito de pessoa como um ser de relações. Não somos algo desintegrado dos demais seres humanos, mas vivemos num nó de relações, somos intersubjetividade. Vale a pena repetir uma citação já feita: “Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens”,³³ logo o corpo humano faz parte destas “relações sociais”. Uma espiritualidade bem entendida não pode deixar de levar em consideração o corpo. É com o corpo que o ser humano se relaciona com o próximo de forma concreta. É com o corpo que levantamos o caído, ouvimos suas dores. É com o corpo que nos

²⁸ EG 151.

²⁹ EG 178.

³⁰ EG 176.

³¹ EG 187.

³² PEDROSA-PÁDUA, L., Linhas-força da espiritualidade do Papa Francisco, p. 37.

³³ EG 178.

solidarizamos com suas alegrias e tristezas, através de um forte abraço. Logo, se temos estas atitudes, a temos no corpo, pelo Espírito que vive em nós.

Por fim, e não de forma menos importante, outro perigoso dualismo que ronda a nossa fé, “como um leão que rugir” (1Pd 5,8), é a “Oração x Ação”. Alfonso Garcia Rubio foi muito insistente neste perigo. Ele alertou-nos sobre as possíveis formas inadequadas de sua superação - reversão dialética e justaposição estéril³⁴ - e, de certa forma, o Papa Francisco também tem as mesmas preocupações quando ele destaca que todo pregador é “um contemplativo da palavra e também contemplativo do povo”,³⁵ e que ele deve “relacionar a mensagem do texto bíblico com a situação humana”.³⁶ Percebemos, assim, que há no Papa uma preocupação com a desvinculação entre oração e ação. Se a oração vem da reflexão da Palavra de Deus, que ecoa em nosso interior, em nosso coração, e se esses ecos não abrem nossos olhos ao povo, se não fazem nossos braços se mexerem na ação em ajuda aos que mais sofrem, então, deve ter algo errado com nossa oração. Nossa oração deve nos levar a contemplar Deus no meio da ação.³⁷ Por outro lado, uma ação desprovida da oração, da interiorização, radicada na graça de Deus, torna-se apenas uma ação vazia. O Papa pede o equilíbrio, a integração destes dois movimentos: por um lado “a Igreja não pode dispensar o pulmão da oração” e de outro, “é preciso rejeitar a tentação de uma espiritualidade intimista”.³⁸ Logo, nada de dualismos entre “Oração x Ação”. Devemos buscar sempre uma relação de integração-inclusão na pessoa humana.³⁹

Conclusão

Infelizmente a presença do dualismo antropológico é um fato em nossa fé eclesial. A moral individual se impõe à coletiva, a vida contemplativa interior é vista em oposição a vida social, e a todo momento nos deparamos com uma redução do espiritual ao imaterial em oposição ao corpóreo e terreno. Tudo isso é tomado como uma verdade cristã. Desta forma o dualismo nos obriga a desintegrar aquilo que é por natureza integrado. Não podemos retomar as ideias da natureza pura, como fora refletida na Idade Média, quando o sobrenatural vinha sobre o natural, como se não fosse constitutivo ao ser humano o Existencial Sobrenatural de Karl Rahner. Desta forma, o problema do dualismo antropológico não só atinge a fé e a espiritualidade vivida por esta fé, mas também ao ser humano como um todo. Na busca de viver, com toda boa intenção, uma fé dualista, o ser humano passa a viver também uma

³⁴ RUBIO, A.G., *Unidade na Pluralidade*, p. 103-107.

³⁵ EG 154.

³⁶ EG 154.

³⁷ PEDROSA-PÁDUA, L., *Linhas-força da espiritualidade do Papa Francisco*, p. 52.

³⁸ EG 262.

³⁹ RUBIO, A.G., *Unidade na Pluralidade*, p. 107.



infelicidade, pois vive de forma desintegrada aquilo que o próprio Deus criou de forma integrada: o ser humano. O perigo do dualismo continua a rondar a nossa fé. Vários motivos (alguns citados neste breve artigo) podem explicar o porquê deste perigo contínuo. Porém, quando o Concílio Vaticano II volta às fontes, quando a Antropologia Teológica começa a se desenvolver de forma sistemática no pré-Concílio Vaticano II, e com a preocupação da Papa Francisco em tornar a nossa Igreja uma Igreja sinodal, em saída, aberta ao diálogo com o mundo, tudo isso são sinais de que é possível caminhar na superação do dualismo antropológico que mutila o humano. Alertar sobre um perigo é o primeiro passo para evitá-lo. Já estamos num caminho de superação. Creiamos nisso!

Referências Bibliográficas:

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II, Petrópolis: Vozes; 2000, 29º Edição.

CARILLO, J.M., **Espiritualidade para insatisfeitos**, São Paulo: Paulus; 2012, 1ª Edição

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: A Alegria do Evangelho**, S. Paulo: Paulus, São Paulo: Loyola, 2013.

GRISSAULT, K., **50 autores-chave de filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PEDROSA-PADUA, L. Linhas-força da espiritualidade do Papa Francisco: uma reforma a partir de dentro da Igreja. **Revista de Cultura Teológica**, ano XXIX, n.º 98, p. 34-66, jan./abr. 2021.

PEDROSA-PÁDUA, L., O ser humano, centro da Evangelii Gaudium. In: AMADO, J. P. (org.), FERNANDES, L.A. (org.). **Evangelii Gaudium em questão**. Rio: PUC-Rio, S. Paulo: Paulinas, 2014, p. 135-145.

RUBIO, A.G., **Unidade na Pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristã**, São Paulo: Paulus, 2004, 2ª Edição.

RUIZ DE LA PEÑA, J.L. Dualismo. In: XAVIER PIKAZA, O. de M., NEREOO SILANES, O.S.S.T, **Dicionário Teológico O Deus Cristão**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 231-235

Ricardo Adriano de Bittencourt

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil



ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2023v3n5p35

E-mail: bittric@gmail.com

Recebido em 13/02/2023
Aprovado em 07/03/2023